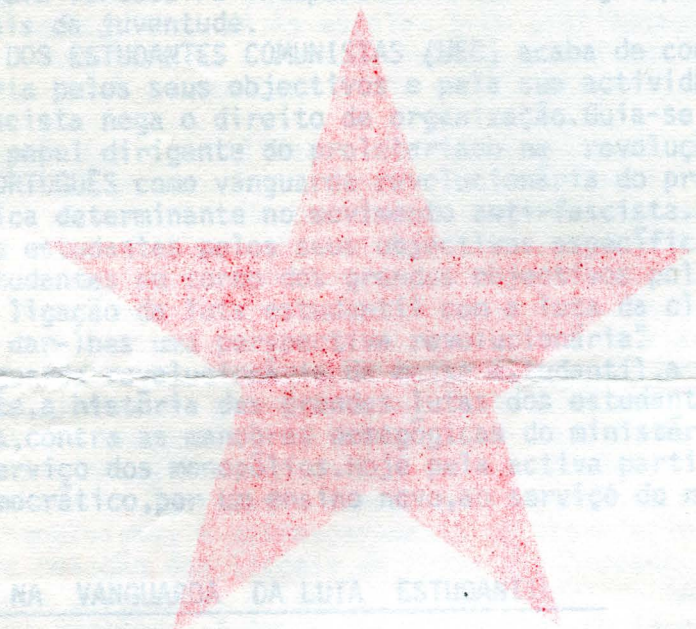


BREVE

HISTÓRIA da



uec

UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS

UEC HISTÓRIA BREVE

"Ofascismo foi impotente para impedir a constituição da UEC.

Será ainda impotente para travar o seu desenvolvimento e silenciar a sua acção revolucionária".

Com estas palavras, que a prática consagrou totalmente, terminava o artigo inserto no primeiro número do "UEC", saído em Março de 1972, referente à constituição da UEC.

Em Janeiro de 1972 tinha sido anunciada - por declaração - o nascimento duma organização autónoma dos estudantes comunistas, obra da intensa actividade das organizações estudantis do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS, que se propunha lutar por quatro grandes objectivos políticos: contra a ditadura fascista e pelas liberdades democráticas, contra a guerra colonial e contra o colonialismo, contra o imperialismo e pela verdadeira independência de Portugal, pelo socialismo e o comunismo, grandes ideais da juventude.

"A UNIÃO DOS ESTUDANTES COMUNISTAS (UEC) acaba de constituir-se. É uma organização revolucionária pelos seus objectivos e pela sua actividade e clandestina porque a ditadura fascista nega o direito de organização. Guia-se pelo marxismo-leninismo. Reconhece o papel dirigente do proletariado na revolução socialista e do PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS como vanguarda revolucionária do proletariado de Portugal e força política determinante no movimento anti-fascista. Propõe-se desenvolver um movimento de estudantes pelos seus objectivos específicos, unir, organizar e mobilizar os estudantes em torno dos grandes objectivos políticos do povo português, estreitar a ligação da luta estudantil com a luta da classe operária e das massas populares e dar-lhes uma perspectiva revolucionária".

Como vanguarda revolucionária da massa estudantil, a vida da UEC tem sido, fundamentalmente, a história das grandes lutas dos estudantes. Ontem contra a repressão fascista, contra as manobras demagógicas do ministério da educação, contra um ensino ao serviço dos monopólios. Hoje pela activa participação na construção dum Portugal democrático, por um ensino novo, ao serviço do nosso povo.

NA VANGUARDA DA LUTA ESTUDANTIL

"Tomada da Bastilha em Coimbra (3000 estudantes na rua); greve dos voluntários, acções contra as sanções disciplinares e greves de protesto contra o encerramento da sua associação por parte dos estudantes de Direito de Lisboa; greve em Agronomia contra a posição racista de um professor e acções de solidariedade para com José António; greves, concentrações e reuniões e praticamente todas as escolas do país e numerosos liceus por motivos pedagógicos e outros; presença massiva em numerosas eleições associativas e em realizações de carácter cultural e convívio, tudo isto exprime profundo descontentamento face à política fascista e a existência de grandes disposições de luta. Este um grande capital em que a UEC se apoia para definir a sua actuação".

Esta análise foi feita pela UEC I da conjuntura em que a UEC iria actuar, ampliar e aprofundar a sua organização. Conjuntura de onde resultaram duas linhas mestras-amplitude do movimento de massas; agravamento brutal da repressão (estavam então encerradas 6 AAEE-sendo uma delas a AAC) em que iria assentar toda a nossa actividade sob o fascismo.

Dentro da sua linha repressiva de liquidação das AAEE, o governo fascista tentou atingir dois dos grandes baluartes da luta estudantil- as AAEE do ISCEF e do IST.

A luta então travada-que assumiu formas verdadeiramente massivas, com greves (abrangendo 7000 estudantes), RGAs, concentrações, plenários, greve geral da Academia, comunicados à população- saldou-se com uma grandiosa vitória dos estudantes.

A UEC, numa declaração sua de 25 de Junho, afirmava: "pela envergadura de massas e a combatividade que a caracteriza e pelas sua repercussão política, pelo carácter central que tem na conjuntura da luta estudantil, pela sua importância na luta pelas liberdades democráticas e contra o fascismo em Portugal, constitui uma das mais importantes lutas travadas pelos estudantes portugueses sob o governo fascista de Caetano.

A esta importante luta estudantil suceder-se-iam muitas outras ao longo de todo o ano lectivo de 1971/72 - manifestação de rua dos estudantes de Coimbra contra a provocação fascista da Queima, na tomada da Bastilha e noutras ocasiões; acções de massas dos estudantes liceais do Porto pela abolição do exame de aptidão e contra a repressão; greves gerais no Instituto Comercial, Direito, Letras, Agronomia e Ciências de Lisboa.

A UEC destacou então como traços principais das movimentações estudantis desse ano- a grande amplitude do movimento de massas, o carácter unitário e massivo das mais importantes lutas assentes em processos democráticos de decisão, a combatividade e politização dos estudantes, e, apontou como principais tarefas imediatas do MA: a luta pela reconquista das AAEE encerradas e contra a repressão; o desenvolvimento, coordenação e unificação da luta pedagógica na perspectiva da RGDE; o reforço das estruturas e a democratização de todo o MA, a diversificação e a democratização da actividade associativa de acordo com os múltiplos interesses estudantes, a extensão do MA às escolas onde praticamente não existe e o seu desenvolvimento nos liceus; o fortalecimento da unidade estudantil, tanto a nível local como nacional e o combate firme e intransigente às tentativas de cisão do MA.

Com deficiências e debilidades várias, arrostando com uma violentíssima repressão, seriam estas as coordenadas por onde se orientou o MA

1973 seria um ano rico de tentativas desesperadas do fascismo para liquidar o MA e impor a sua "reforma do ensino". Seria também o ano de resistência estudantil, da sua oposição ao ensino ao serviço dos monopólios.

Em 28 de Março são disparadas rajadas de metralhadora contra os estudantes concentrados na cantina da cidade Universitária de Lisboa, na sequência do cerco da Faculdade de Direito pela polícia de choque, e da brutal investida dos "gorilas" contra os estudantes em greve pela época de Outubro.

A escalada da repressão atinge igualmente o Porto e Coimbra, com cargas policiais e mesmo patrulhamento dentro das faculdades.

A luta contra os "gorilas" e a onda de suspensões, expulsões e incorporações militares compulsivas, o desmascaramento da provocação fascista e colonialista do Orfeão, a reacção dos liceais do Porto à repressão policial e contra o Secretariado para a Juventude, a luta pela reabertura da AAC foi a resposta dos estudantes a essa escalada. A greve dos estudantes do Técnico desencadeada aquando das grandes lutas de Maio pela expulsão dos "gorilas" de Letras (vitoriosa) em que 6000 estudantes se empenham numa batalha pela libertação dos seus dirigentes presos e a reabertura da sua AE encerrada, vai manter-se no primeiro plano de todas as lutas do MA, (mesmo até como seu catalizador) até às vésperas do derrubamento da ditadura fascista.

A operação provocatória terrorista tentada em Medicina, com o encerramento das suas instalações associativas, a que a massa estudantil correspondeu com uma greve geral imediata, reuniões massivas, ocupação das instalações da CPA e rebentamento de uma sala e do muro construídos pela PIDE, greves e meetings de solidariedade (particularmente de Económicas, Letras e Liceus); as greves em Engenharia, Economia e Medicina do Porto (as mais importantes travadas dentro das Faculdades do Porto nos últimos anos), são algumas das últimas lutas apontadas pela UEC antes de 25 de Abril.

A GRANDE CAMPANHA POLÍTICA DE MASSAS, cujo início era assinalado pelo "UEC" nº 10, surgira como um impulso imparável na actividade política das massas populares.

Em Março de 1974, a UEC dizia: "num contexto de rigoroso ascenso do movimento reivindicativo operário, que assume formas superiores e alcança significativas vitórias, de amplas lutas no plano sindical e dos empregados, há boas condições para fazer frente à investida fascista e através duma grande campanha em defesa do MA conquistar novas vitórias.

Há que aproveitar o momento para reforçar o nosso combate contra a política de

inteira submissão do ensino ao interesse dos monopólios, acentuando assim também a nossa participação como elemento da frente anti-fascista.

Com a sua luta os estudantes estão também a dar uma valiosa contribuição para este vigoroso surto de luta das massas populares".

Em Abril de 1974, a CC da UEC dizia: "ao apelar para que os estudantes se juntem à classe operária e às massas trabalhadoras nas comemorações do 1º de Maio, a UEC saúda a classe operária, os trabalhadores, a juventude, as mulheres, os soldados, os marinheiros e oficiais patriotas, que com as suas lutas de hoje estão a contribuir decisivamente para a formação do poderoso exército que porá fim ao fascismo".

Este documento não chegou a sair. Estávamos nas vésperas do 25 de Abril.

UMA FRENTE POLÍTICA DE MASSAS

No documento da CC da UEC inserto no "UEC" de Outubro de 72 era apontada como uma necessidade que se colocava na ordem do dia o desenvolvimento no movimento estudantil de uma frente abertamente política que exprimisse as largas acções de massas e a crescente politização dos estudantes.

Eram então apontadas como direcções principais da luta estudantil nesta frente: a luta pelas liberdades democráticas e contra a repressão; contra a guerra colonial e o colonialismo; a solidariedade com o povo do Vietnam e com todos os povos vítimas da dominação e agressão imperialistas; contra a dominação imperialista sobre Portugal; a solidariedade com a luta dos trabalhadores.

Na grandiosa manifestação, de cerca de 40000 pessoas, realizada no Porto em 15 de Abril de 1972, a DORN destacou assim o trabalho desenvolvido pela UEC: "Pelo seu relevante papel na agitação, na mobilização orgânica e na manifestação a DORN do P.C.P. saúda fraternalmente todos os organismos, militantes e simpatizantes da UEC que com tanto entusiasmo, audácia e dinamismo trabalharam para o sucesso desta grande jornada popular".

O movimento democrático dos estudantes lançou e reforçou as suas estruturas, pela constituição de comissões democráticas de estudantes, acção desenvolvida para o X festival, a apresentação de teses colectivas ao III Congresso da Oposição democrática e a mobilização para o mesmo.

A luta contra a repressão foi sempre força da própria violência terrorista do fascismo, uma constante.

Na batalha contra o colonialismo a massa estudantil constituiu sempre uma frente aguerrida. A proclamação da independência da Guiné foi assinalada nas três academias. As comemorações do 25 de Setembro, dia da Frelimo, foram uma importante jornada de luta. O assassinato de Amílcar Cabral foi vivamente repudiado num convívio realizado a 4 de Fevereiro, 1500 estudantes aprovaram uma Moção de apoio aos movimentos de Libertação. Em 1974, o 4 de Fevereiro foi comemorado com uma greve geral na academia de Lisboa.

NA AURORA DA LIBERDADE

"Uma grande e radical mudança se operou nas escolas. As massas estudantis, ao lado do Movimento democrático revolucionário das Forças Armadas, ao lado do povo português, acompanhando o processo de democratização do país, instauram nas escolas liberdades democráticas, expulsam os lacaios do regime, reconquistam as suas AAEE, reforçam a sua organização, lançam as bases em conjunto com os professores progressistas da futura organização democrática das escolas.

Uma vez mais, é ao lado das massas populares que os estudantes se encontram. Ao lado do povo português, em aliança com o M.F.A., cooperando estreitamente com o Movimento Democrático e Popular, os estudantes marcham unidos para a construção duma escola democrática, ao serviço do povo português. Tal o sentido de todas as reuniões massivas realizadas nas escolas das três academias e em numerosos liceus e Técnicas espalhados pelo país.

- ASSIM ANALISAVA O PRIMEIRO U.E.C. LEGAL, a ardente participação estudantil - desde as primeiras horas no movimento revolucionário so 25 de Abril.

No difícil e complexo processo da construção da democracia, a massa estudantil e os militantes da UEC em particular têm estado sempre presentes nas horas mais difíceis, nos momentos em que a defesa e consolidação da liberdade mais exige de todos nós, nos passos decisivos, no entusiasmo que os acompanha.

No 28 de Setembro a UEC esteve em força nas barragens que esturvaram o passo à reacção. Havia jovens liceais pelas ruas, em vigilância nas amargas horas dessa madrugada que ainda não sabíamos com que cores iria despontar.

Os estudantes estiveram também ao lado do povo trabalhador, nesse simbólico domingo de trabalho, - testemunho da confiança popular num governo que saiu mais homogêneo e forte da rude prova que foi a tentativa da intentona reacçãoária do 28 de Setembro.

- Nas cerimónias da independência da jovem República da Guiné-Bissau, a UEC esteve presente através de um dirigente seu.

hoje colocam-se ao movimento estudantil grandes problemas mas abrem-se perspectivas empolgantes.

Neste momento coloca-se ao país e muito particularmente aos estudantes uma opção:

- Ou um ensino no caos que não funcione a que não tenham acesso os jovens trabalhadores e onde os filhos da burguesia se entretêm a brincar à "revolução" à custa do dinheiro do país e, de imensos prejuízos para as massas populares e para a massa estudantil, o que significa no plano político, servir os interesses da reacção.

- Ou o avanço da democratização do ensino assente na liquidação progressiva da herança fascista e na construção de um novo ensino que dará as massas trabalhadoras a possibilidade de terem uma intervenção directiva em todos os sectores da vida política, social-económica portuguesa o que significa, no plano político, dar uma contribuição decisiva para a instauração de um regime completamente democrático.

- Esta opção que a UEC coloca aos estudantes portugueses.

- Impõe-se que lhe seja dada uma resposta afirmativa.

Para isso e como o dissemos na clandestinidade, poderemos hoje repetir: "Nenhuma frente pode ser descufada. Nenhuma contribuição pode desperdiçada. Nenhum aliado esquecido